

O Instituto de Arqueologia

Fragmentos da sua colecção



Coimbra 2016

O Instituto de Arqueologia

Fragmentos da sua colecção

FACULDADE DE LETRAS | UNIVERSIDADE DE COIMBRA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA | SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

O Instituto de Arqueologia | Fragmentos da sua colecção

COORDENAÇÃO

Raquel Vilaça

ORGANIZAÇÃO

Instituto de Arqueologia | Secção de Arqueologia
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra
Museu Monográfico de Conimbriga

TEXTOS E FICHAS

Carlo Bottaini
Domingos Cruz
Francisco Gomes
Helena Catarino
Inês Soares
João Paulo Avelãs Nunes
José d'Encarnação
Pedro Carvalho
Raquel Vilaça
Virgílio Hipólito Correia

FOTOGRAFIA

António Cavaleiro Paixão
Barbara Armbruster
Francisco Gomes
José Luís Madeira

DESENHO

Francisco Gomes
José Luís Madeira

ILUSTRAÇÃO

José Luís Madeira

DESIGN GRÁFICO E PAGINAÇÃO

José Luís Madeira

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra

MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO

Instituto de Arqueologia | FLUC
Museu Monográfico de Conimbriga

APOIO

Lusitânia, Companhia de Seguros, S. A.

ISBN

978-989-26-1124-2 | Suporte: electrónico | Formato PDF

DOI

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1124-2>



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES
FAC. DE LETRAS - PALÁCIO SUB-RIPAS - 3000-395 COIMBRA

<http://www.uc.pt/fluc/iarq> | e-mail: iarq@fl.uc.pt

O Instituto de Arqueologia
Fragmentos da sua colecção

Na qualidade de Director do Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (DHEEAA | FLUC), de investigador em história contemporânea e em museologia, saúdo a iniciativa conjunta do Instituto de Arqueologia do DHEEAA da FLUC e do Museu Monográfico de Conímbriga de estruturação de uma iniciativa expositiva tendo como ponto de partida o designado “Museu Didáctico” do Instituto de Arqueologia do DHEEAA | FLUC (colecção de peças arqueológicas e de outros objectos de valor intrínseco, e de réplicas).

Através desta exposição e do respectivo Catálogo, visar-se-á provocar a reflexão sobre a evolução da arqueologia e do ensino da mesma, em Portugal, ao longo do século XX; caracterizar o funcionamento de uma parcela de uma das unidades orgânicas da Universidade de Coimbra ao longo de décadas; concretizar alguns dos pressupostos da nova museologia no que ao Museu Monográfico de Conímbriga diz respeito: ligação entre investigação científica e concepção de novas exposições, colaboração entre museus e outras instituições ou organizações, atribuição de prioridade estratégica à apresentação de exposições temporárias.

De modo parcelar e fragmentário embora, a exposição “O Instituto de Arqueologia. Fragmentos da sua Colecção” esboça, ainda, a reconstituição e a análise de diversas sociedades humanas (da Pré-História à Idade Média ou à Idade Moderna). Saliênta-se, pois, a importância da cultura material e dos correspondentes vestígios para o acesso à cultura imaterial e para um conhecimento mais integrado da realidade social global (ideologias e sistemas político-institucionais, ligações diplomáticas e conflitos militares, relações económicas e sociais, mundividências e manifestações culturais).

João Paulo Avelãs Nunes
(Director do DHEEAA | FLUC)

A oportunidade de expor no Museu Monográfico de Conimbriga uma selecção muito representativa das peças que integram o “Museu Didáctico” do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra é uma ocasião feliz, a vários títulos.

Desde logo, por ser aberta a possibilidade de ser mostrado ao público um conjunto de objectos – originais e réplicas de outros objectos arqueológicos – que, por várias vicissitudes não estão normalmente disponíveis aos olhares do público.

Desta forma o Museu contribui para o exercício dessa função museológica por excelência que é a exposição pública do acervo por parte de outra instituição que, designada de Museu, se reveste de características especiais, nomeadamente a especialização na didáctica da Antiguidade dirigida a um público selecionado – os alunos da Universidade – abrindo-a a outros públicos.

Ora esta colaboração esteve sempre presente no espírito, nas intenções e nos planos de trabalho do fundador de ambas as instituições – Instituto e Museu: o Professor João Manuel Bairrão Oleiro. A visão de uma escola de Arqueologia Clássica que abrangesse, sem soluções de continuidade, a Universidade, o Museu e o Sítio Arqueológico, deu ao País, ao longo dos anos o melhor que a disciplina teve a oferecer no âmbito nacional, e cremos ser bem justificado dizer que, no essencial, a validade da proposta se mantém e os resultados recentes não desmerecem.

Esta exposição é, vista desta maneira, integrada na continuada colaboração entre ambas as instituições, a documentar o esforço deliberado de manter acesa uma chama e viva uma intenção, segundo os preceitos ciceronianos.

Optima autem hereditas a patribus traditur liberis omnique patrimonio praestantior gloria virtutis rerumque gestarum, cui dedecori esse nefas et vitium iudicandum est. (Cícero, *De officiis*, 1.121)

[A mais nobre herança que é transmitida de pais para filhos, mais preciosa do que qualquer riqueza herdada, é uma reputação de virtude e actos dignos; e desonrar isto deve ser julgado pecado e vergonha.]

Virgílio Hipólito Correia

(Director do Museu Monográfico de Conimbriga)

Apresentação

Tal como nem todas as efemérides são alvo de comemorações, nem sempre as iniciativas têm de assinalar, ou aguardar, por um qualquer momento evocativo que lhes sirva de pretexto.

Em 2005, no quadro do programa comemorativo do seu Cinquentenário, o Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra organizou no e com o Arquivo da Universidade uma exposição de que resultou o catálogo *O Instituto de Arqueologia. Fragmentos da sua História*.

Entretanto, o mesmo Instituto, hoje integrado no Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes, foi alimentando a ideia de organizar uma mostra de objectos mais ambiciosa que também lhe contasse a história, e outras histórias, agora finalmente consubstanciada na exposição *O Instituto de Arqueologia. Fragmentos da sua Colecção*.

Como é bem sabido, são inúmeras e diversas as formas de comunicar em Arqueologia. As exposições num registo clássico permanecem, todavia, com seu lugar próprio e insubstituível.

A exposição a que se reporta este catálogo tem como objectivo principal tão-só dar expressão pública ao designado “Museu Didáctico” do Instituto, cuja peculiaridade no contexto universitário português é de assinalar. Na realidade, mais do que museu, é depósito de materiais arqueológicos sem visibilidade exterior e sobre ele já escreveu esclarecidamente e em diversas ocasiões o Prof. Doutor José d’Encarnação, que nos brinda com novo texto nas páginas seguintes, precedentes do catálogo propriamente dito.

Tal situação, mais condizente com a de “reserva” do que com a de espaço museológico, inexistente, não lhe retira, porém, a importância ditada por determinadas peças dignas de figurarem nos melhores museus de arqueologia, nacionais ou internacionais. Os instrumentos musicais da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal), inéditos, agora dados a conhecer ao público, são

apenas um exemplo, entre outros.

E poucos terão consciência, seja na Universidade, nomeadamente na de Coimbra, seja no meio arqueológico português, da existência desta colecção traduzida em várias centenas de peças arqueológicas — neste momento com mais de 400 inventariadas — e de réplicas, de objectos e de inscrições. Adquiridas estas com fins didácticos ainda na 1ª metade do século XX, foram aquelas, na sua esmagadora maioria, ofertas que chegaram por várias mãos, algumas de estudantes, ao longo dos anos. Como em qualquer museu, reunindo peças “maiores” a par de outras “menores”. Do conjunto resulta uma realidade muito heterogénea, a nível cronológico, geográfico, contextual e temático, de alguma forma espelhada nesta exposição.

O espaço do Museu Monográfico de Conímbriga disponibilizado para acolher esta mostra, reunindo as quatro pequenas vitrines de exposições temporárias, condicionou a organização dos quatro núcleos independentes e a selecção de determinadas peças.

O visitante encontra em primeiro lugar e à sua esquerda o espaço dedicado a algumas das réplicas, onde se pode observar cópia da mais antiga representação realista da face humana, com cerca de 24.000 anos. Na vitrine em frente reuniram-se materiais autênticos, muito diversos e que percorrem longa diacronia. A Universidade de Coimbra encontra aí a sua presença simbolicamente assinalada pelo mais antigo testemunho humano recolhido proveniente do seu espaço mais nobre — a Alcáçova —, uma ponta de projectil em sílex. As duas últimas vitrines partilham algumas das peças da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, já referida, uma das mais importantes estações arqueológicas portuguesas. Nunca será de mais evocar o nome do Prof. Doutor Francisco Gentil, autor da oferta dessa colecção, conforme ficou exarado nas actas do então Conselho da Faculdade, a primeira, de 23 de Junho de 1956, onde se assinalava essa intenção, a segunda, datada de 7 de Dezembro de 1957, onde se anunciou a concretização da generosa oferta, exposta no ano seguinte.

Partilhar com o público este acervo do Instituto de Arqueologia no Museu Monográfico de Conímbriga numa co-organização é igualmente um acto destituído de casualidade, já que ambas as instituições, como é bem sublinhado por outras palavras no texto assinado pelo Senhor Director do Museu, Doutor Virgílio Hipólito Correia, partilham laços comuns, estreitos e longínquos no tempo.

Cabe-nos agradecer-lhe a hospitalidade e colaboração da instituição que

dirige, agradecimento que se estende a todos os que se envolveram activamente nesta iniciativa: aos colegas, investigadores e estudantes, autores dos textos e das fichas; ao Dr. José Luís Madeira, Técnico Superior do Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes, sem o qual esta exposição não teria sido possível; ao Senhor Director da Imprensa da Universidade de Coimbra, Prof. Doutor Delfim Leão, pela possibilidade de este catálogo ser editado com a chancela da prestigiada Imprensa; ao Senhor Director da Faculdade de Letras, Prof. Doutor José Pedro Paiva, e ao Senhor Director do Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes, Prof. Doutor João Paulo Avelãs Nunes, por todo o apoio que dispensaram a esta iniciativa.

Materiais longamente ocultos suscitam sempre a curiosidade e vontade de os admirar! Estamos certos, portanto, de que esta singela mostra de parte da colecção arqueológica do Instituto de Arqueologia constituirá, de facto, essa insuspeitada surpresa! [RV]

Museu Didáctico do Instituto de Arqueologia

Sob a designação oficiosa de “Museu Didáctico”, detém o Instituto de Arqueologia uma coleção arqueológica, constituída por materiais autênticos e por réplicas de inscrições romanas, cristãs e medievais, assim como de materiais pré-históricos e romanos.

De notável interesse se revestem essas réplicas, feitas já na 1ª metade do século XX, não apenas pela sua perfeição mas também por documentarem uma apreciável preocupação didáctica.

Na verdade, ainda a Arqueologia não gozava, a nível universitário, de significativo prestígio e já vamos encontrar no opúsculo que, em 1919, os responsáveis da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra elaboraram para se defenderem das acusações que lhes eram feitas, uma referência que, a esta distância, não deixa de ser sintomática: no capítulo “Material de ensino e instalações da Faculdade” expressamente se alude às “coleções de Epigrafia, de Esfragística, de Numismática, organizadas umas, outras em vias de organização”, o que denota a importância que já então se dava a um ensino prático, em contacto com os materiais.

Foi certamente o Doutor António de Vasconcelos, na altura director da Faculdade — cargo que ocupou de 1911 a 1920 — o autor desse opúsculo ou o seu principal inspirador, porque estava previsto para o volume IV dos seus Escritos Vários — que não chegaria a publicar-se — um capítulo designado “Catálogo das inscrições da Galeria Epigráfica (incompleto)”, que deveria ser complementado por breves monografias sobre algumas das referidas epígrafes.

Por deliberação de 16 de Junho de 1930, constitui o Senado Universitário o Fundo Sá Pinto, alimentado com os juros da verba que o benemérito Alexandre de Sá Pinto legara à Universidade. Regulamentaram-se os critérios de concessão dos subsídios com base nesse Fundo, entre os quais a “aquisição de material didáctico” ocupou lugar de destaque (sessão do Senado de 13 de Fevereiro de 1933). Ora, o que nos é particularmente grato verificar é que, a par do compreensível apoio a uma investigação sobre “o lugar da hipófise no sistema endócrino vegetativo”, por esse Fundo se tenham atribuído

verbas para a realização, inclusive no estrangeiro, de réplicas de objectos arqueológicos pré-históricos e, sobretudo, de inscrições consideradas significativas. E não apenas se fizeram cópias de monumentos epigráficos da própria cidade de Coimbra como também, a título de exemplo, de Bobadela, uma delas deveras sintomática por se tratar da cópia, feita no século XVIII, de um texto autêntico.

Ou seja: há que realçar-se não apenas essa preocupação didáctica mas também se deverá apreciar a acuidade com que é feita a selecção de peças a copiar, de forma a dar aos estudantes uma panorâmica diversificada da realidade a investigar.

Trata-se, convém anotar, de uma tendência generalizada na Europa desse 2º quartel do século XX e que radicava numa concepção, que hoje se classificaria de “museológica”, já patente nas gipsotecas alemãs de finais do século XIX, herdeiras também elas da tradição de Setecentos em que as gipsotecas se difundiram junto das Academias e dos Institutos de Arte como forma de melhor se educarem os estudantes para o gosto artístico e para a boa prática do desenho e da modelagem. Assim, se um monumento tão grandioso e eloquente como a Coluna de Trajano vai ter réplicas no Victoria and Albert, de Londres, e, a fortiori, no Museu Nacional de História da Roménia, em Bucareste, Emanuel Löwy criara, já em 1892, na Università della Sapienza, em Roma, uma enorme colecção de cópias, em gesso, de esculturas gregas (tanto das originais como das respectivas cópias romanas), a exemplo dessas gipsotecas alemãs, o que constitui, hoje, naquela universidade, o chamado Museu de Arte Clássica, com mais de 1200 exemplares. E, já antes, em 1887, por iniciativa de Gherardo Ghirardini, a Universidade de Pisa criara a sua gipsoteca, “segundo o modelo da arqueologia germânica”, ilustrando as obras “mais conhecidas e significativas da arte grega, etrusca e romana”.

Entre nós, ficámo-nos, pois, por exemplares menos sofisticados e volumosos, até porque o espaço nem dava para as salas de aula precisas quanto mais para albergar peças volumosas!

Fruto, por conseguinte, de uma relevante tradição didáctica, as réplicas do Museu Didáctico constituem exemplares valiosos quer pelo seu significado quer, inclusive, pela excelência da sua execução, na senda do melhor que, nesse domínio, se fazia. E se a elas acrescentarmos a oferta, em 1958, feita pelo Prof. Doutor Francisco Gentil, do espólio resultante de escavações na necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal, ficamos com a ideia clara de que, embora de existência formal não consubstanciada num espaço museológico, o “Museu Didáctico” tem, de facto, uma história para contar. E quando, a 6 de Março de 1958, o Instituto de Arqueologia oficialmente se inaugurou, foi a exposição de boa parte desses materiais que o assinalou, merecendo do então director, o Doutor Providência e Costa, encomiásticas referências. [Jd'E]

= Sessão ordinária de 23 de Novembro de 1954 =

Nos vinte e três dias do mês de Novembro de mil novecentos e cinquenta e quatro, pelas três horas da tarde, reuniu-se o Conselho da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Presidiu o Ex. Director, Doutor Aristides de Amorim Gijão, e estiveram presentes os Vogaes Doutores Carlos Simões Ventura, João do Providência e Costa, Manuel Lopes d'Almeida, Manuel de Paiva Boleo, Mário Mendes dos Remédios de Sousa Brandão e Arnaldo de Miranda Barboza, secretário.

Aberta a sessão, foram lidas e aprovadas as actas das duas sessões anteriores.

Foi presente um officio do assistente Lido João Manuel Bairrão Oleiro, encarregado da regência da cadeira de Arqueologia, dirigido ao Sr. Director da Faculdade, em que fundamentava o pedido de criação, na Faculdade de Letras, de um Instituto de Arqueologia, destinado a trabalhos de investigação arqueológica e à preparação de futuros investigadores. Na fundamentação do pedido, indicava-se como especial missão desse Instituto organizar trabalhos de Seminário, estabelecer fecundas colaborações com outros Institutos já existentes, nomeadamente com o de Estudos Clássicos, o de Estudos Históricos e o de Estudos Geográficos, empreender a elaboração de cursos arqueológicos, dedicar-se à inventariação, estudo e publicação de materiais arqueológicos depositados no Museu Didáctico da Faculdade e promover escavações de interesse científico e formativo para os alunos de Arqueologia. Ouvidos os professores do grupo de História, que haviam sido previamente consultados para a apresentação deste pedido, foram de parecer favorável. O Sr. Director resolveu, portanto, apresentar uma proposta de criação do "Instituto de Arqueologia", nos termos do referido pedido, a qual foi aprovada por unanimidade. — Em seguida, o Sr. Director deu conhecimento de que o Sr. Tenente-coronel Afonso da Paço havia oferecido alguns objectos cerâmicos, de interesse arqueológico, ao Museu de Arqueologia da Faculdade de Letras.

Director da Faculdade de Letras

Carlos Ventura

J. de Almeida

Catálogo

Vitrine 1 | Réplicas

Do conjunto de réplicas existente, executadas em gesso endurecido, com acabamento em verniz, mostra-se uma pequena parte. Além da árula votiva ao deus Baco, cujo original é oriundo de Conímbriga, os demais exemplares são cópias de outras peças de “arte paleolítica” provenientes de jazidas emblemáticas (grutas e abrigos sob rocha), principalmente do sul de França — *grotte du Pape* (Brassempouy), la Madeleine (Tursac), Monastruc (Bruniquel), Laugerie-Basse (Les Eyzies-de-Tayac) —, escavadas durante a 2ª metade do século XIX por “naturalistas”, igualmente marcantes da Pré-história francesa — Édouard Lartet (1801-1871) e Edmond Piette (1827-1906) —, a que se associa Henry Christy (1810-1865), inglês, banqueiro, colecionador e filantropo, que muitas vezes participa nos trabalhos de campo e os financia.

A arqueologia pré-histórica deste período, sobretudo na Europa ocidental (França e Reino Unido), é marcada por duas grandes preocupações: a demonstração da grande antiguidade do homem e a substituição do quadro cronológico bíblico, temporalmente muito curto face à evidência das descobertas crescentes. Tal desiderato impunha a colaboração de investigadores associando observações geológicas, paleontológicas e da Pré-história antiga. Neste período destaca-se também, para além da identificação crescente das indústrias líticas paleolíticas, o reconhecimento da “arte paleolítica”, inicialmente a designada “arte móvel”, cujos contextos não eram diferentes dos daqueles materiais mais “utilitários”. Algumas das peças mostram a elevada capacidade de abstracção dos últimos caçadores-recolectores da Europa, como também o sentido estético e aprimorada sensibilidade manual. Uma das peças — o mamute de La Madeleine — foi mesmo utilizada na acesa discussão sobre a contemporaneidade da humanidade pré-histórica com animais já extintos. Os resultados de algumas destas escavações foram igualmente importantes para a construção de um nova periodização dos complexos industriais e culturas do Paleolítico, nomeadamente do Paleolítico superior, destacando-se, neste sentido, já nos inícios do século XX, a revisão das tipologias e identificação de culturas e *fácies* desenvolvida por Henri Breuil (1877-1961), com o trabalho *Les subdivisions du paléolithique supérieur et leur signification* (1911). [DJC]

1.

IDENTIFICAÇÃO: estatueta feminina.

PROVENIÊNCIA: *Grotte du Pape*, Brassempouy (Landes, França) (1898).

MATÉRIA-PRIMA: gesso; original: marfim de mamute.



CARACTERIZAÇÃO: cabeça de estatueta feminina (“*vénus paleolítica*”) recolhida durante as escavações realizadas neste sítio arqueológico em 1898 (provém desta estação várias outras estatuetas — pelo menos oito — mas mais incompletas); a jazida revelou ocupação do Paleolítico superior, do Magdalenense, Solutrense e Gravetense; as estatuetas foram recolhidas, em princípio, no nível mais antigo da gruta; a mais conhecida, dita “*figurine à la capuche*”, resume-se à cabeça e parte do tronco; constitui a mais antiga representação realista da face humana; destacam-

se, para além das reduzidas dimensões, a representação dos pormenores faciais (face triangular — triângulo invertido — sem boca, mas com a representação da testa e sobrolho, nariz e queixo) e do cabelo (entrançado), ou coberto por possível touca/ coífa com decoração geométrica.

Recentemente foi questionada a sua autenticidade, aventando-se a possibilidade dos trabalhadores das escavações, pagos consoante os achados, a pudessem ter executado. Alt.: 3,65 cm; larg.: 2,2 cm; esp.: 1,9 cm.

DEPOSIÇÃO DO ORIGINAL: Musée des Antiquités Nationales, Saint-Germain-en-Laye.

CRONOLOGIA: Gravetense (27.000-20.000 a. C.), ou, face às possíveis associações materiais, Gravetense médio (24.000-22.000 a. C.).

BIBLIOGRAFIA: Leroi-Gourhan 1995², fig. 70; Bahn, 1998, 82. [DJC]

2.

IDENTIFICAÇÃO: propulsor (extremidade de propulsor).

PROVENIÊNCIA: abrigo sob rocha de Monastruc, Bruniquel (Tarn-et-Garonne, Dordogne, França) (1866).

MATÉRIA-PRIMA: gesso; original: madeira de armação de rena.

CARACTERIZAÇÃO: escultura de mamute, muito estilizada, decorando a parte terminal de propulsor; o gancho de preensão da zagaia estava também partido, tendo sido reparado na época, talvez com osso ou madeira de rena. Representação das defesas em ambos os lados. É o único



exemplar conhecido de escultura zoomorfa paleolítica que tem um orifício para representar um dos olhos (provavelmente para conter incrustação em osso ou pedra). À escultura associa-se a técnica da gravura. Comp.: 12,4 cm; alt.: 6 cm; esp.: 1,2 cm.

DEPOSIÇÃO DO ORIGINAL: British Museum (Christie Collection).

CRONOLOGIA: 10.500 a. C. (Magdalenense final).

BIBLIOGRAFIA: Leroi-Gourhan 1995², fig. 195. [DJC]

3.

IDENTIFICAÇÃO: placa gravada (“mamute de La Madeleine”).

PROVENIÊNCIA: La Madeleine (Tursac, Dordogne, França).

MATÉRIA-PRIMA: gesso; original: marfim de mamute (grande fragmento de defesa de mamute).



CARACTERIZAÇÃO: jazida descoberta em 1863 por Édouard Lartet (1801-1871), seguindo-se um período inicial de escavações sob a direcção de Lartet e Henry Christy (1810-1865). Trata-se de abrigo sob rocha, de grande extensão. La Madeleine revelou uma ocupação importante do Magdalenense e Azilense. Na 2ª metade do século XIX, este achado, no contexto da ampla

discussão que então se gerou em torno da grande antiguidade do homem, foi, com outros documentos, importante, contribuindo para a demonstração da contemporaneidade do homem com espécies animais já extintas. A placa mostra um mamute (*Elephas primigenius*), virado à esquerda, enquadrado pelas dimensões máximas do suporte; apesar das muitas fracturas (algumas anteriores à sua execução), trata-se de obra completa. A representação está em pose, mas dinâmica. Comp.: 24,8 cm; alt.: 10,6 cm; esp.: 1,8-0,8 cm.

DEPOSIÇÃO DO ORIGINAL: Musée National d'Histoire Naturelle (Paris) — département “Histoire de la Terre” (Galerie de Paléontologie) — colecção Édouard Lartet e Henry Christy.

CRONOLOGIA: Magdalenense (15.000-8.000 a. C.).

BIBLIOGRAFIA: Paillet 2011, 223-270. [DJC]

4.

IDENTIFICAÇÃO: placa gravada em ambas as faces (“femme au renne”).

PROVENIÊNCIA: abrigo sob rocha de Laugerie-Basse (Les Eyzies-de-Tayac, Dordogne, França) (1868).

MATÉRIA-PRIMA: gesso; original: osso de bovídeo (omoplata).



CARACTERIZAÇÃO: fragmento de placa, gravada em ambas as faces (incisão simples e incisão assimétrica). Mulher deitada sobre o dorso, grávida e próximo do fim do tempo; debaixo (ou atrás) dos membros posteriores de cervídeo macho (ou bisonte, seg. Leroi-Gourhan) (as patas do animal são representadas defronte das pernas da mulher); figura feminina adornada com braceletes e possível colar; na outra face, a representação de um cavalo, com tratamento de pormenores, ao nível da cabeça e crina. Comp.: 10,1 cm; larg.: 6,5 cm.

DEPOSIÇÃO DO ORIGINAL: Musée des Antiquités Nationales, Saint-Germain-en-Laye.

CRONOLOGIA: Magdalenense (ca. 12.000 a. C.).

BIBLIOGRAFIA: Leroi-Gourhan 1995², 163; Delporte 1995, 98-99, figs. 69-70. [DJC]

5.

IDENTIFICAÇÃO: propulsor (“Le poignard”).

PROVENIÊNCIA: abrigo sob rocha de Laugerie-Basse (Les Eyzies-de-Tayac, Dordogne, França) (1863).

MATÉRIA-PRIMA: gesso; original: madeira de armação de rena.

CARACTERIZAÇÃO: representação de rena (ou cervídeo/ cabrito-montês, seg. alguns autores), com corpo empinado, em posição de salto (membros anteriores juntos ao corpo e membros posteriores muito alongados), conhecida desde o século XIX como “Le poignard”, nome atribuído pelos descobridores; não possui gancho para a apreensão da zagaia; alguns investigadores admitem que a excrescência sob a garganta do animal, interpretada pelos descobridores como a “papada” de rena, possa corresponder ao gancho do propulsor, entretanto fracturado. Esta peça é muito similar ao propulsor, com figura de cavalo em salto, igualmente sem gancho, de Bruniquel (Tarn-et-Garonne). Comp.: 39,5 cm; larg.: 6,5 cm.



DEPOSIÇÃO DO ORIGINAL: Musée des Antiquités Nationales, Saint-Germain-en-Laye.

CRONOLOGIA: Magdalenense (ca. 12.000 a. C.).

BIBLIOGRAFIA: Leroi-Gourhan 1995², 76; Delporte 1995, 157, fig. 213. [DJC]

6.

IDENTIFICAÇÃO: zagaia/ cinzel.

PROVENIÊNCIA: abrigo sob rocha de Laugerie-Basse (Les Eyzies-de-Tayac, Dordogne, França).

MATÉRIA-PRIMA: gesso; original: osso.



CARACTERIZAÇÃO: Ponta de zagaia, de duplo bisel, fragmentada, reutilizada como “cinzel” (a fractura da zagaia mostra desgaste por martelagem, como se a extremidade em bisel tivesse sido utilizada como “cinzel”); secção circular, extremidade distal em duplo bisel, assimétrica. Decoração: duas flores associadas a possível peixe/réptil (lagarto)/pele de raposa esticada (seg. as várias interpretações); na outra face, cavalo e peixe. Comp.: 15 cm; diâmetro: ca. 1,5 cm.

CRONOLOGIA: Magdalenense (ca. 12.000 a. C.).

BIBLIOGRAFIA: Leroi-Gourhan 1995², 71. [DJC]

7.

IDENTIFICAÇÃO: haste de rena com perfurações.

PROVENIÊNCIA: abrigo sob rocha de La Madeleine (Tursac, Dordogne, França).

MATÉRIA-PRIMA: gesso; original: madeira de haste de rena.



CARACTERIZAÇÃO: fragmento de haste de rena, com quatro orifícios circulares, cilíndricos, enquadrados por linhas incisivas, onduladas; o bordo superior é decorado com cerca de 40 traços, incisivos, dispostos paralelamente. Comp.: 24 cm; larg.: 8 cm.

CRONOLOGIA: Magdalenense (ca. 12.000 a. C.).

BIBLIOGRAFIA: Leroi-Gourhan 1995², 71. [DJC]

8.

IDENTIFICAÇÃO: árcula votiva ao deus Baco.

PROVENIÊNCIA DO ORIGINAL: Conímbriga (Condeixa-a-Velha, Condeixa-a-Nova).

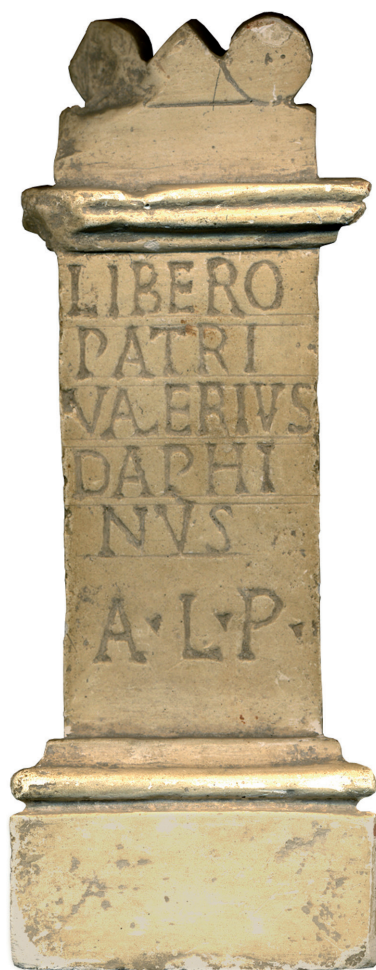
MATÉRIA-PRIMA: gesso; original: calcário.

CARACTERIZAÇÃO: inscrição em latim, que significa: “Valério Dafino pôs, de livre vontade, ao Pai Líber [Baco]”. Alt.: 21 cm; larg.: 8 cm; esp.: 6 cm.

DEPOSIÇÃO DO ORIGINAL: Museu Monográfico de Conímbriga.

CRONOLOGIA: século II d. C.

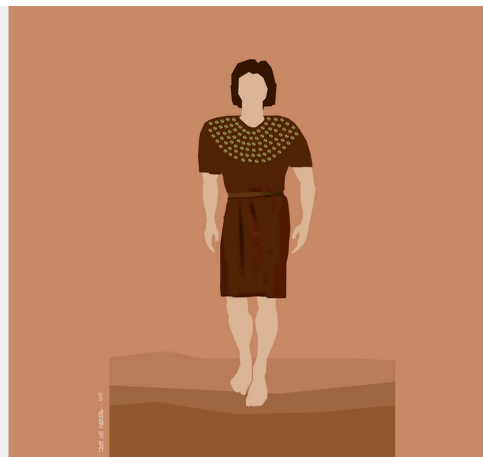
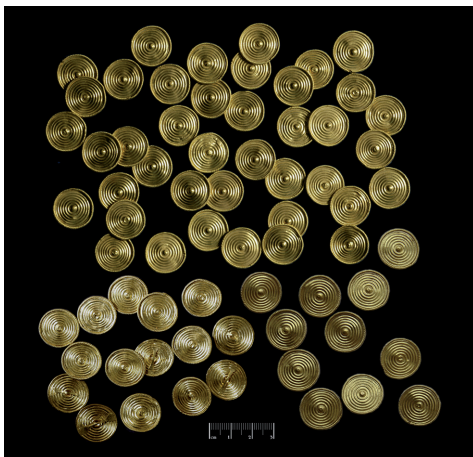
BIBLIOGRAFIA: Encarnação 2013. [d'E]



Vitrine 2 | Vária

As peças expostas, de proveniência distinta, percorrem longa diacronia, desde a Pré-história (IV-III milénio a. C.) à Época Moderna (séculos XVI-XVII). Nestas cronologias inscrevem-se, respectivamente, a ponta de projectil e os recipientes cerâmicos da Alcáçova de Coimbra, lembrando que o cerne do espaço, hoje Património Mundial da UNESCO, teve ocupação continuada e com raízes profundas no tempo.

Pelos caminhos do tempo acumularam-se tesouros, como o de Coles de Samuel, com quase 5 kg de bronze, evocando o trabalho de há 3000 anos com seus machados e foices, e o de Fortios, que fez brilhar quem cobriu suas vestes de ouro, pouco tempo depois, nos alvares do I milénio a. C.



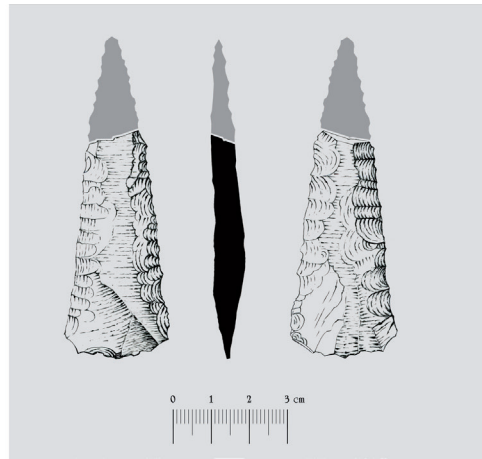
Brilhariam também, mas de outra forma, as damas romanas que architectavam penteados recorrendo a alfinetes de muitos tipos, alguns decorados [RV].

1.

IDENTIFICAÇÃO: ponta de projectil.

PROVENIÊNCIA: Alcáçova de Coimbra (UNI 79; 18; 1; s/nº inv.).

MATÉRIA-PRIMA: sílex róseo.



CARACTERIZAÇÃO: Ponta de projectil de base recta, corpo alongado, bordos sub-rectilíneos; ponta partida (aguçada e simétrica); retoque bifacial, contínuo, profundo e abrupto. Comp.: 5,9 cm; larg. máx.: 2,8 cm; esp.: 0,6 cm; peso: 16 g. A dimensão da peça permite encará-la mais como arma de “guerra” ou de prestígio do que como utensílio de caça (em regra de tamanho mais diminuto), conforme sugestão de Fábregas (1991: 159-160) em estudo realizado sobre peças idênticas.

CRONOLOGIA: Neolítico/Calcolítico (finais do IV-III milénio a. C.).

BIBLIOGRAFIA: Vilaça & Cunha-Ribeiro 2008, 24-25, fig. 13. [RV]

2. [2. 1 a 2. 18]

O depósito de Coles de Samuel

Os depósitos de metais representam um dos traços mais característicos da última fase do Bronze Final. Depositados individualmente ou em grupo, em meio aquático, em áreas húmidas ou em terra seca, no interior de minas, grutas, junto de afloramentos rochosos, em povoados ou nas suas proximidades, os metais reunidos em depósitos (em regra utensílios, armas ou objectos de adorno) permanecem como testemunhos materiais de antigas práticas cujo significado continua ainda hoje bastante incerto, podendo representar vestígios de ofertas a divindades ancestrais ou formas de armazenamento temporário de sucata destinada à refundição.

Neste quadro, o depósito de Coles de Samuel é um dos mais interessantes do Ocidente

Ibérico. As peças, em número apreciável para o comum dos depósitos do território português, datarão do primeiro quartel do I milénio a. C. Foram encontradas casualmente na década dos '60 do século passado durante trabalhos agrícolas no lugar de Horta do Casalinho (Soure). Trata-se, principalmente, de instrumentos vinculados ao mundo do trabalho (machados, foices, escopro), estando também presentes objectos que, devido à sua morfologia, são geralmente designados como braceletes. Do ponto de vista da sua composição química, os metais foram produzidos em ligas de bronze bastante puras, típicas da metalurgia do Bronze Final do Centro de Portugal, sendo o cobre e o estanho os elementos principais e o ferro, o chumbo e o arsénio elementos vestigiais. [CB]



2. 1.

IDENTIFICAÇÃO: machado de talão.

PROVENIÊNCIA: Coles de Samuel (Soure, Coimbra) (n° inv. 81.1).

MATÉRIA-PRIMA: metal (bronze binário). Composição química: $89.50 \pm 0.40\%$ Cu; $10.00 \pm 1.00\%$ Sn; $0.16 \pm 0.02\%$ Fe.

CARACTERIZAÇÃO: machado de talão, com uma argola, monofacial, pertencente ao tipo 36B (tipo Beira Litoral) de Monteagudo (1977, n°. 1349). Trata-se de uma morfologia típica do Ocidente Ibérico, nomeadamente do Centro de Portugal. Comp.: 14,5 cm; larg. máx. (gume): 2,7 cm; esp. máx. (talão): 1,9 cm; peso: 242 g.

CRONOLOGIA: Bronze Final III (primeiro quartel do I milénio a. C.).

BIBLIOGRAFIA: Pereira 1971; Monteagudo 1977; Coffyn 1985; Vilaça 2006; Bottaini 2012. [CB; IS]



2. 2.

IDENTIFICAÇÃO: machado de alvado.

PROVENIÊNCIA: Coles de Samuel (Soure, Coimbra) (n° inv. 81.2).

MATÉRIA-PRIMA: metal (bronze binário). Composição química: $89.50 \pm 0.40\%$ Cu; $10.20 \pm 1.00\%$ Sn; $< 0.10\%$ Pb; $0.12 \pm 0.03\%$ As.

CARACTERIZAÇÃO: machado de alvado, com duas argolas, pertencente ao tipo 42A (*West Portugal*), da tipologia de Monteagudo (1977, n° 1734). Trata-se de uma morfologia típica do Ocidente Ibérico, nomeadamente do Centro de Portugal. Comp.: 18 cm; larg. máx. (gume): 6,1 cm; prof. alvado: 7,3 cm; diâmetro alvado: 5,5 cm; peso: 1020 g.

CRONOLOGIA: Bronze Final III (primeiro quartel do I milénio a. C.).

BIBLIOGRAFIA: Pereira 1971; Monteagudo 1977; Coffyn 1985; Vilaça 2006; Bottaini 2012. [CB; IS]



2. 3.

IDENTIFICAÇÃO: machado de alvado.

PROVENIÊNCIA: Coles de Samuel (Soure, Coimbra) (n° inv. 81.3).

MATÉRIA-PRIMA: metal (bronze binário). Composição química: $90.00 \pm 0.40\%$ Cu; $9.70 \pm 1.00\%$ Sn; $0.28 \pm 0.06\%$ Pb.

CARACTERIZAÇÃO: machado de alvado, com duas argolas, pertencente ao tipo 42A (*West Portugal*), da tipologia de Monteagudo (1977, n° 1735). Trata-se de uma morfologia típica do Ocidente Ibérico, nomeadamente do Centro de Portugal. Comp.: 17,6 cm; larg. máx. (gume): 6,8 cm; prof. alvado: 7,5 cm; diâmetro alvado: 5,7 cm; peso: 941 g

CRONOLOGIA: Bronze Final III (primeiro quartel do I milénio a. C.).

BIBLIOGRAFIA: Pereira 1971; Monteagudo 1977; Coffyn 1985; Vilaça 2006; Bottaini 2012. [CB; IS]



2. 4.

IDENTIFICAÇÃO: machado de alvado.

PROVENIÊNCIA: Coles de Samuel (Soure, Coimbra) (n° inv. 81.4).

MATÉRIA-PRIMA: metal (bronze binário). Composição química: $88.50 \pm 0.40\%$ Cu; $11.00 \pm 1.00\%$ Sn; $0.22 \pm 0.07\%$ Pb; $< 0.10\%$ As.

CARACTERIZAÇÃO: machado de alvado, com duas argolas, pertencente ao tipo 42A (*West Portugal*), da tipologia de Monteagudo (1977, n° 1736). Trata-se de uma morfologia típica do Ocidente Ibérico, nomeadamente do Centro de Portugal. Comp.: 15,7 cm; larg. máx. (gume): 5,6 cm; prof. alvado: 9,2 cm; diâmetro alvado: 5,5 cm; peso: 723 g

CRONOLOGIA: Bronze Final III (primeiro quartel do I milénio a. C.).

BIBLIOGRAFIA: Pereira 1971; Monteagudo 1977; Coffyn 1985; Vilaça 2006; Bottaini 2012. [CB; IS]



2. 5.

IDENTIFICAÇÃO: machado de alvado.

PROVENIÊNCIA: Coles de Samuel (Soure, Coimbra) (n° inv. 81.5).

MATÉRIA-PRIMA: metal (bronze binário). Composição química: $87.30 \pm 0.40\%$ Cu; $12.00 \pm 1.00\%$ Sn; $0.80 \pm 0.10\%$ Pb; $0.29 \pm 0.05\%$ As.

CARACTERIZAÇÃO: machado de alvado, com duas argolas, pertencente ao tipo 42A (*West Portugal*), da tipologia de Monteagudo (1977, n° 1737). Trata-se de uma morfologia típica do Ocidente Ibérico, nomeadamente do Centro de Portugal. Comp.: 15,8 cm; larg. máx. (gume): 5,5 cm; prof. alvado: 9,2 cm; diâmetro alvado: 5,2 cm; peso: 769 g

CRONOLOGIA: Bronze Final III (primeiro quartel I do milénio a. C.).

BIBLIOGRAFIA: Pereira 1971; Monteagudo 1977; Coffyn 1985; Vilaça 2006; Bottaini 2012. [CB; IS]



2. 6.

IDENTIFICAÇÃO: foice de talão.

PROVENIÊNCIA: Coles de Samuel (Soure, Coimbra) (n° inv. 81.6).

MATÉRIA-PRIMA: metal (bronze binário). Composição química: $87.20 \pm 0.40\%$ Cu; $13.00 \pm 1.00\%$ Sn; $< 0.10\%$ Pb; $0.10 \pm 0.03\%$ As.

CARACTERIZAÇÃO: foice de talão, unifacial, do tipo Rocanes. Trata-se de uma morfologia típica do Ocidente Ibérico, nomeadamente do Centro de Portugal. Comp.: 14,1 cm; larg. máx.: 4,5 cm; esp. (talão): 1,6 cm; peso: 180 g.

CRONOLOGIA: Bronze Final III (primeiro quartel do I milénio a. C.).

BIBLIOGRAFIA: Pereira 1971; Coffyn 1985; Giardino 1995; Vilaça 2006; Bottaini 2012. [CB; IS]



2. 7.

IDENTIFICAÇÃO: foice de talão.

PROVENIÊNCIA: Coles de Samuel (Soure, Coimbra) (n° inv. 81.7).

MATÉRIA-PRIMA: metal (bronze binário). Composição química: $86.90 \pm 0.40\%$ Cu; $13.00 \pm 1.00\%$ Sn; $0.20 \pm 0.07\%$ Pb; $< 0.10\%$ As.

CARACTERIZAÇÃO: foice de talão, unifacial, do tipo Rocanes. Trata-se de uma morfologia típica do Ocidente Ibérico, nomeadamente do Centro de Portugal. Comp.: 13,8 cm; larg. máx.: 4,5 cm; esp. (talão): 1,5 cm; peso: 179 g.

CRONOLOGIA: Bronze Final III (primeiro quartel do I milénio a. C.).

BIBLIOGRAFIA: Pereira 1971; Coffyn 1985; Vilaça 2006; Bottaini 2012. [CB; IS]



2. 8.

IDENTIFICAÇÃO: foice de talão.

PROVENIÊNCIA: Coles de Samuel (Soure, Coimbra) (n° inv. 81.8).

MATÉRIA-PRIMA: metal (bronze binário). Composição química: $91.30 \pm 0.50\%$ Cu; $8.70 \pm 0.90\%$ Sn.

CARACTERIZAÇÃO: foice de talão, unifacial, do tipo Rocanes. Trata-se de uma morfologia típica do Ocidente Ibérico, nomeadamente do Centro de Portugal. Comp.: 14 cm; larg. máx.: 4,6 cm; esp. (talão): 1,7 cm; peso: 171 g.

CRONOLOGIA: Bronze Final III (primeiro quartel do I milénio a. C.).

BIBLIOGRAFIA: Pereira 1971; Coffyn 1985; Vilaça 2006; Bottaini 2012. [CB; IS]



2. 9.

IDENTIFICAÇÃO: foice de talão.

PROVENIÊNCIA: Coles de Samuel (Soure, Coimbra) (n° inv. 81.9).

MATÉRIA-PRIMA: metal (bronze binário). Composição química: $87.50 \pm 0.40\%$ Cu; $12.00 \pm 1.00\%$ Sn; $0.14 \pm 0.02\%$ As.

CARACTERIZAÇÃO: foice de talão, unifacial, do tipo Rocanes. Trata-se de uma morfologia típica do Ocidente Ibérico, nomeadamente do Centro de Portugal. Comp.: 13,6 cm; larg. máx.: 4,5 cm; esp. (talão): 1,5 cm; peso: 173 g.

CRONOLOGIA: Bronze Final III (primeiro quartel do I milénio a. C.).

BIBLIOGRAFIA: Pereira 1971; Coffyn 1985; Vilaça 2006; Bottaini 2012. [CB; IS]



2. 10.

IDENTIFICAÇÃO: foice de talão.

PROVENIÊNCIA: Coles de Samuel (Soure, Coimbra) (n° inv. 81.10).

MATÉRIA-PRIMA: metal (bronze binário). Composição química: $88.60 \pm 0.40\%$ Cu; $11.00 \pm 1.00\%$ Sn; $0.31 \pm 0.08\%$ Pb; $0.12 \pm 0.03\%$ As.

CARACTERIZAÇÃO: foice de talão, unifacial, do tipo Rocanes. Trata-se de uma morfologia típica do Ocidente Ibérico, nomeadamente do Centro de Portugal. Comp.: 11,6 cm; larg. máx.: 4,5 cm; esp. (talão): 1,6 cm; peso: 168 g.

CRONOLOGIA: Bronze Final III (primeiro quartel do I milénio a. C.).

BIBLIOGRAFIA: Pereira 1971; Coffyn 1985; Vilaça 2006; Bottaini 2012. [CB; IS]



2. 11.

IDENTIFICAÇÃO: foice de talão.

PROVENIÊNCIA: Coles de Samuel (Soure, Coimbra) (n° inv. 81.11).

MATÉRIA-PRIMA: metal (bronze binário). Composição química: $86.70 \pm 0.50\%$ Cu; $13.00 \pm 1.00\%$ Sn; $0.67 \pm 0.07\%$ As.

CARACTERIZAÇÃO: foice de talão, unifacial, do tipo Rocanes. Trata-se de uma morfologia típica do Ocidente Ibérico, nomeadamente do Centro de Portugal. Comp.: 14,3 cm; larg. máx.: 4,4 cm; esp. (talão): 1,5 cm; peso: 152 g.

CRONOLOGIA: Bronze Final III (primeiro quartel do I milénio a. C.).

BIBLIOGRAFIA: Pereira 1971; Coffyn 1985; Vilaça 2006; Bottaini 2012. [CB; IS]



2. 12.

IDENTIFICAÇÃO: objecto em forma de bracelete.

PROVENIÊNCIA: Coles de Samuel (Soure, Coimbra) (n° inv. 81.12).

MATÉRIA-PRIMA: metal (bronze binário). Composição química: $87.10 \pm 0.40\%$ Cu; $12.40 \pm 0.80\%$ Sn; $0.44 \pm 0.09\%$ As; $<0.05\%$ Fe.

CHARACTERIZAÇÃO: objecto sub-circular, inteiro, considerado, por diversos autores, como sendo um bracelete. Apresenta decoração com

finas incisões formando espinha. Diâmetro máx.: 6,1 cm; esp. máx.: 0,7 cm; peso: 43 g

CRONOLOGIA: Bronze Final III (primeiro quartel do I milénio a. C.).

BIBLIOGRAFIA: Pereira 1971; Coffyn 1985; Vilaça 2006; Bottaini 2012. [CB; IS]



2. 13.

IDENTIFICAÇÃO: objecto em forma de bracelete.

PROVENIÊNCIA: Coles de Samuel (Soure, Coimbra) (n° inv. 81.13).

MATÉRIA-PRIMA: metal (bronze binário). Composição química: $88.10 \pm 0.40\%$ Cu; $11.60 \pm 0.70\%$ Sn; $0.31 \pm 0.07\%$ As.

CHARACTERIZAÇÃO: objecto sub-circular, incompleto, considerado, por diversos autores, como sendo um bracelete. Apresenta decoração com finas incisões formando espinha.

Diâmetro máx.: 5,7 cm; esp. máx.: 0,6 cm; peso: 21 g

CRONOLOGIA: Bronze Final III (primeiro quartel do I milénio a. C.).

BIBLIOGRAFIA: Pereira 1971; Coffyn 1985; Vilaça 2006; Bottaini 2012. [CB; IS]



2. 14.

IDENTIFICAÇÃO: objecto em forma de bracelete.

PROVENIÊNCIA: Coles de Samuel (Soure, Coimbra) (n° inv. 81.14).

MATÉRIA-PRIMA: metal (bronze binário). Composição química: $88.50 \pm 0.40\%$ Cu; $11.30 \pm 0.70\%$ Sn; $0.16 \pm 0.04\%$ Pb.

CHARACTERIZAÇÃO: objecto sub-circular, completo, considerado, por diversos autores, como sendo um bracelete.

Diâmetro máx.: 6,25 cm; esp. máx.: 0,6 cm; peso: 24 g

CRONOLOGIA: Bronze Final III (primeiro quartel do I milénio a. C.).

BIBLIOGRAFIA: Pereira 1971; Coffyn 1985; Vilaça 2006; Bottaini 2012. [CB; IS]



2. 15.

IDENTIFICAÇÃO: objecto em forma de bracelete.

PROVENIÊNCIA: Coles de Samuel (Soure, Coimbra) (n° inv. 81.15).

MATÉRIA-PRIMA: metal (bronze binário). Composição química: $88.80 \pm 0.40\%$ Cu; $11.10 \pm 0.70\%$ Sn; $0.13 \pm 0.04\%$ Pb; $< 0.10\%$ As.

CARACTERIZAÇÃO: objecto circular, completo, considerado, por diversos autores, como sendo um bracelete. Diâmetro máx.: 7 cm; esp. máx.: 0,7 cm; peso: 31 g.

CRONOLOGIA: Bronze Final III (primeiro quartel do I milénio a. C.).

BIBLIOGRAFIA: Pereira 1971; Coffyn 1985; Vilaça 2006; Bottaini 2012. [CB; IS]



2. 16.

IDENTIFICAÇÃO: objecto em forma de bracelete.

PROVENIÊNCIA: Coles de Samuel (Soure, Coimbra) (n° inv. 81.16).

MATÉRIA-PRIMA: metal (bronze binário). Composição química: $88.10 \pm 0.40\%$ Cu; $11.80 \pm 0.70\%$ Sn; $< 0.10\%$ As.

CARACTERIZAÇÃO: objecto circular, incompleto, considerado, por diversos autores, como sendo um bracelete. Diâmetro máx.: 5,6 cm; esp. máx.: 0,7 cm; peso: 13 g.

CRONOLOGIA: Bronze Final III (primeiro quartel do I milénio a. C.).

BIBLIOGRAFIA: Pereira 1971; Coffyn 1985; Vilaça 2006; Bottaini 2012. [CB; IS]



2. 17.

IDENTIFICAÇÃO: objecto em forma de bracelete.

PROVENIÊNCIA: Coles de Samuel (Soure, Coimbra) (n° inv. 81.17).

MATÉRIA-PRIMA: metal (bronze binário). Composição química: $88.20 \pm 0.40\%$ Cu; $12.00 \pm 1.00\%$ Sn; $0.25 \pm 0.06\%$ Pb.

CARACTERIZAÇÃO: objecto circular, incompleto, considerado, por diversos autores, como sendo um bracelete. Diâmetro máx.: 6,4 cm; esp. máx.: 0,9 cm; peso: 35 g.

CRONOLOGIA: Bronze Final III (primeiro quartel do I milénio a. C.).

BIBLIOGRAFIA: Pereira 1971; Coffyn 1985; Vilaça 2006; Bottaini 2012. [CB; IS]



2. 18.

IDENTIFICAÇÃO: escopro.

PROVENIÊNCIA: Coles de Samuel (Soure, Coimbra)
(n° inv. 81.18).

MATÉRIA-PRIMA: metal (bronze binário). Composição química: $86.70 \pm 0.40\%$ Cu; $13.00 \pm 1.00\%$ Sn; $0.34 \pm 0.06\%$ Pb.

CARACTERIZAÇÃO: escopro simples, de secção quadrangular, completo. Comp.: 13,2 cm; larg. máx. (gume): 1,2 cm; esp. máx.: 0,9 cm; peso: 70 g.

CRONOLOGIA: Bronze Final III (primeiro quartel do I milénio a. C.).

BIBLIOGRAFIA: Pereira 1971; Coffyn 1985; Vilaça

2006; Bottaini 2012. [CB; IS]



3.

IDENTIFICAÇÃO: disco ornamental.

PROVENIÊNCIA: Fortios (Portalegre).

MATÉRIA-PRIMA: liga de ouro (com percentagens de prata e de cobre).

CARACTERIZAÇÃO: peça discoidal laminada com decoração obtida por punção de matriz simples ou dupla obedecendo a modelo concêntrico que parte de meia calote rodeada por seis estrias, em relevo, regularmente distanciadas entre si. O bordo é rematado com fio de arame torcido (filigrana), de secção quadrangular, mas

com distintos graus de torsão e extremidades justapostas. O reverso possui ao centro

delgada haste de ouro martelado, fixada por soldadura, ligeiramente arqueada

para permitir a passagem de um fio e funcionar como elemento de fixação sobre um suporte. Diâmetro 1,9 cm; esp.: <0,1 cm; peso: 1,1 g.

Faz parte de depósito composto originalmente por 88 discos idênticos, produzidos em série. Teriam sido utilizados como adorno de vestuário de personagem com prestígio.

CRONOLOGIA: I Idade do Ferro (séculos VIII-VII a. C.).

BIBLIOGRAFIA: Parreira 1980; Correia *et al.* 2013; Vilaça *et al.* 2014. [RV]



4 [4.1. a 4.4.]

Alfinetes de cabelo (*Acus crinalis*)

Os adornos marcavam o perfil da mulher romana. Brincos, anéis, pulseiras e colares coloridos, entre a túnica e outras vestes (*stola*) perfumadas, despertariam a atenção daqueles que com elas privavam. Particular cuidado mereciam os penteados, por vezes muito elaborados, seguindo até os cobiçados modelos revelados pelos bustos das imperatrizes erguidos no forum. Era com estes alfinetes feitos em osso que as mulheres romanas prendiam os seus cabelos, armando meticulosamente os seus toucados. Em lugares

públicos cobriam-nos com um lenço (*palla*), resguardando-se assim dos olhares mais indiscretos. [PC]

4. 1.

IDENTIFICAÇÃO: conjunto de cinco alfinetes.

PROVENIÊNCIA: Conímbriga (Condeixa-a-Nova) (nº inv. 275.248/08; 284.252/08; 290.256/08; 291.257/08; 307.266/08).

MATÉRIA-PRIMA: osso

CARACTERIZAÇÃO: alfinetes em forma de agulha e com cabeça arredondada. Alt. máx.: 9,5 cm.

CRONOLOGIA: séculos I-II d. C.

BIBLIOGRAFIA: inéditos. [PC]





4. 2.

IDENTIFICAÇÃO: conjunto de oito alfinetes.

PROVENIÊNCIA: Conímbriga (Condeixa-a-Nova) (n° inv. 298.260/08; 249.261/08; 303.263/08; 311.268/08; 313.270/08; 319.272/08; 324.275/08; ? - 279/08).

MATÉRIA-PRIMA: osso.

CARACTERIZAÇÃO: alfinetes em forma de agulha e com cabeça tipo poliedro ligeiramente piramidal.

Alt. máx.: 9,9 cm.

CRONOLOGIA: séculos I-II d. C.

BIBLIOGRAFIA: inéditos. [PC]



4. 3.

IDENTIFICAÇÃO: conjunto de três alfinetes.

PROVENIÊNCIA: Conímbriga (Condeixa-a-Nova) (n° inv. 322.274/08; 305.265/80; 262.245/08).

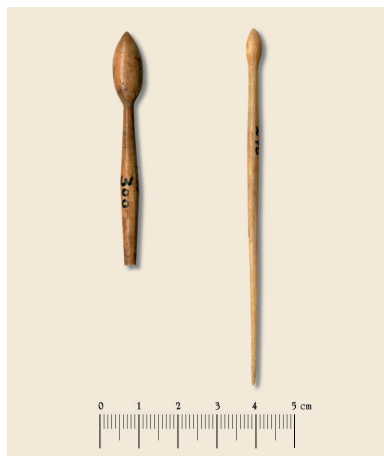
MATÉRIA-PRIMA: osso.

CARACTERIZAÇÃO: alfinetes em forma de agulha e com cabeça chata ligeiramente piramidal.

Alt. máx.: 9,7 cm.

CRONOLOGIA: séculos I-II d. C.

BIBLIOGRAFIA: inéditos. [PC]



4. 4.

IDENTIFICAÇÃO: conjunto de dois alfinetes.

PROVENIÊNCIA: Conímbriga (Condeixa-a-Nova) (nº inv. 296.259/08; 262.300/08).

MATÉRIA-PRIMA: osso.

CARACTERIZAÇÃO: alfinetes em forma de agulha com a cabeça tipo roca.

Alt. máx.: 9,4 cm.

CRONOLOGIA: séculos III-IV d. C. (?).

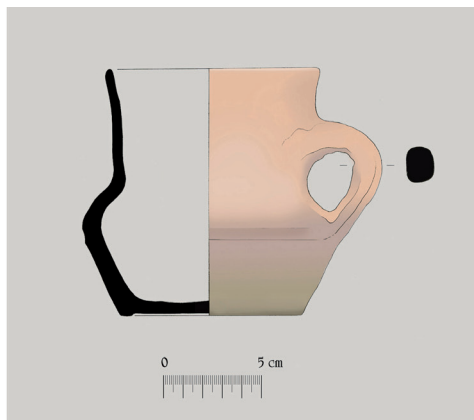
BIBLIOGRAFIA: inéditos. [PC]

5.

IDENTIFICAÇÃO: púcaro (série jarrito).

PROVENIÊNCIA: Alcáçova de Coimbra (UNI-sector 1; nível 4; nº 351 - 1983).

MATÉRIA-PRIMA: cerâmica.



CARACTERIZAÇÃO: bordo direito boleado; colo alto cilíndrico; asa de rolo; corpo globular; fundo plano. Fabrico a torno lento. Superfícies brunidas.

CRONOLOGIA: Época Medieval (séculos IX-XI).

BIBLIOGRAFIA: inédito. [HC]

6.

IDENTIFICAÇÃO: pequena bilha.

PROVENIÊNCIA: Alcáçova de Coimbra (UNI s/nº inv.; marcação ilegível).

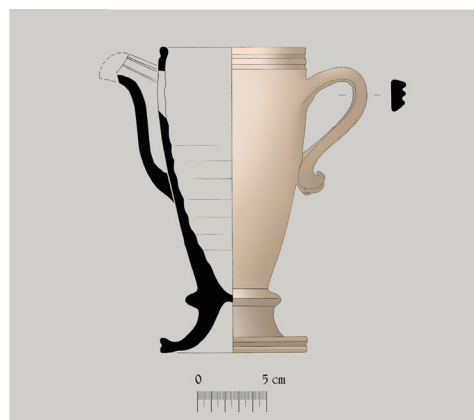


MATÉRIA-PRIMA: cerâmica.

CARACTERIZAÇÃO: bordo plano em aba; colo esvasado e emoldurado; asa oval; corpo globular alongado; fundo plano. Fabrico a torno alto. Superfícies brunidas e com espatulamento vertical.

CRONOLOGIA: Época Moderna (séculos XVI-XVII).

BIBLIOGRAFIA: inédito. [HC]



7.

IDENTIFICAÇÃO: jarro.

PROVENIÊNCIA: Alcáçova de Coimbra (UNI – n^o inv. 353).

CARACTERIZAÇÃO: bordo direito boleado; bico vertedor; asa com caneluras; corpo em tronco de cone; fundo de pé anelar alto, de base emoldurada. Fabrico a torno alto. Superfícies de vidrado estanífero (branco leitoso).

CRONOLOGIA: Época Moderna (séculos XVI-XVII).

BIBLIOGRAFIA: inédito. [HC]

Vitrines 3 e 4 | Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires

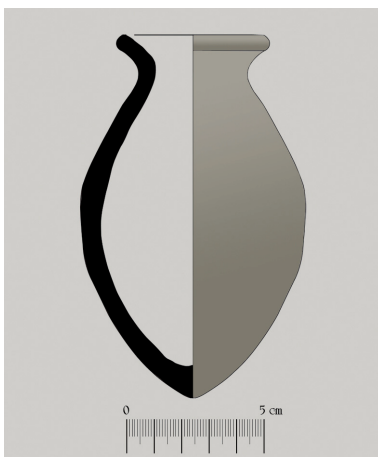
Conhecida desde finais do século XIX, a necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) constitui, apesar de um historial de investigação muito irregular, uma referência indelével no estudo da Idade do Ferro do Sul de Portugal. Os trabalhos desenvolvidos na década de 1920 por Vergílio Correia, Professor da Universidade de Coimbra, em parte secundados por intervenções posteriores, permitiram documentar uma ampla diacronia de utilização, remontando ao final do século VII e prolongando-se pelo menos até ao século IV a. C., senão mesmo até aos alvares da Romanização.



Aspecto da necrópole em 1968 (seg. Paixão 1970)

A diversidade de rituais documentada por aquele investigador – incinerações *in situ* em fossas simples e escalonadas, incinerações contidas em urnas de tipo “Cruz del Negro” e outras contidas em recipientes cinerários de tipos mais tardios – e os múltiplos e diversificados materiais que se lhes associam são reveladores dos percursos do desenvolvimento sócio-ideológico das comunidades que habitaram Alcácer do Sal durante o I milénio a. C., bem como das suas activas e dinâmicas relações com o mundo mediterrâneo e em particular com a rede comercial fenícia e, posteriormente, com a grega. [FG]

Vitrine 3



1.

IDENTIFICAÇÃO: escaravelho e anel.

PROVENIÊNCIA: Olival do Senhor dos Mártires (União das Freguesias de Alcácer do Sal, Alcácer do Sal) (s/nº inv.).

MATÉRIA-PRIMA: pasta vítrea? (escaravelho); prata (anel).

CARACTERIZAÇÃO: amuleto de tipo egípcio de pasta branca pertencente ao Tipo XIVB de Feghali

Gorton. Apresenta no anverso uma inscrição hieroglífica correspondente ao nome de Hórus do faraó Psamético I

(663-609 a. C.). Trata-se possivelmente de produção de um

atelier fenício difícil de precisar. Comp. máx.: 1,2 cm; larg.

máx.: 0,9 cm; esp. máx.: 0,6 cm. Anel maciço de secção

circular com estojo elipsoidal rotativo para engaste destinado a conter o amuleto egípcio *supra*. Diâmetro máx.: 3,7 cm;

esp. máx.: 0,8 cm. Provêm da Sepultura 48.

CRONOLOGIA: I Idade do Ferro (2ª metade do século VII – 1ª metade do VI a. C.).

BIBLIOGRAFIA: Correia 1925a; Gamer-Wallert 1978;

Feghali Gorton 1996; García Martínez 2001; Almagro-

Gorbea & Torres Ortiz 2009, nº 9. [FG]

2.

IDENTIFICAÇÃO: anforisco.

PROVENIÊNCIA: Olival do Senhor dos Mártires (União das Freguesias de Alcácer do Sal, Alcácer do Sal) (s/nº inv.).

MATÉRIA-PRIMA: cerâmica.

CARACTERIZAÇÃO: recipiente de morfologia piriforme,

bordo extroverso e fundo convexo; apresenta vestígios

de uma única asa, não conservada, partindo do colo e

terminando na porção superior do bojo. Trata-se de forma

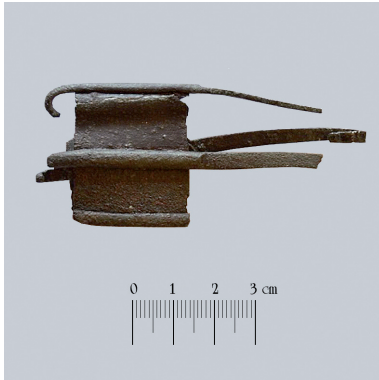
de provável origem oriental, possivelmente destinada a

conter perfume ou óleo aromatizado. Provêm da Sepultura

72. Diâmetro bordo: 5,6 cm; alt. máx.: 13,4 cm.

CRONOLOGIA: I/II Idade do Ferro (séculos VI-V a. C.?).

BIBLIOGRAFIA: Schüle 1969, Taf. 94, n° 10; Paixão 1970; Frankenstein 1997, Lám. 59, n° 60. [FG]



3.

IDENTIFICAÇÃO: fecho de cinturão “tartéssico”.

PROVENIÊNCIA: Olival do Senhor dos Mártires
(União das Freguesias de Alcácer do Sal, Alcácer do Sal).

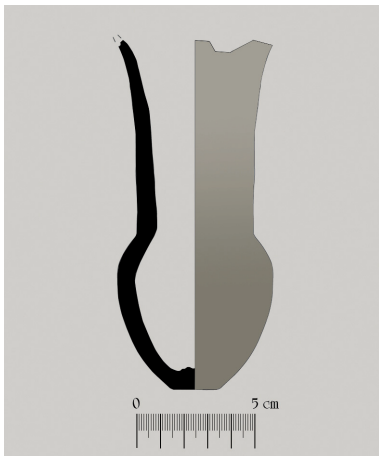
MATÉRIA-PRIMA: bronze.

CARACTERIZAÇÃO: peça macho de fecho de cinturão de tipo dito “tartéssico”, pertencente ao Tipo 4a de Cerdeño composta por placa de bronze de 7 por 2,7 cm, com as extremidades laterais reforçadas por dobragem e por três garfos formados por placas transversais dobradas nas extremidades, para fixação ao cinturão, por

um lado, e na peça fêmea, por outro. Provém da Sepultura 88.

CRONOLOGIA: I Idade do Ferro (século VI a. C.).

BIBLIOGRAFIA: Schüle 1969, Taf. 95, n° 11; Cuadrado & Ascensão 1968; Cerdeño 1981. [FG]



4.

IDENTIFICAÇÃO: vaso “à chardon”.

PROVENIÊNCIA: Olival do Senhor dos Mártires
(União das Freguesias de Alcácer do Sal, Alcácer do Sal)
(s/n° inv.).

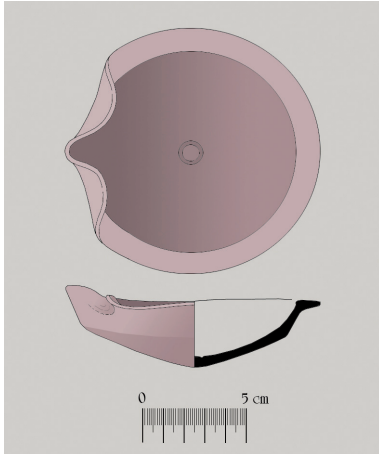
MATÉRIA-PRIMA: cerâmica.

CARACTERIZAÇÃO: recipiente de produção manual com corpo piriforme e fundo plano, dotado de colo alto e esvasado, muito desenvolvido, separado do corpo por um ressalto bem marcado; não conserva o bordo. Corresponde a uma versão miniaturizada do modelo de vaso dito “à chardon”. Provém da Sepultura 54.

Diâmetro máx.: 6,6 cm; alt. máx.: 15,5 cm.

CRONOLOGIA: I Idade do Ferro (século VI a. C.?).

BIBLIOGRAFIA: Schüle 1960, Taf. 92, n° 11; Paixão 1970; Frankenstein 1997, Lám. 60, n° 62. [FG]



5.

IDENTIFICAÇÃO: lucerna.

PROVENIÊNCIA: Olival do Senhor dos Mártires (União das Freguesias de Alcácer do Sal, Alcácer do Sal) (s/n° inv.).

MATÉRIA-PRIMA: cerâmica.

CARACTERIZAÇÃO: lucerna de tipo dito “púnico”, de fundo aplanado e bordo horizontal dotada de um só pico para mecha formado por dobragem do rebordo. Não apresenta qualquer tipo de revestimento ou engobe. Provém da Sepultura 144. Diâmetro máx.: 12,5 cm; alt. máx.: 3,9 cm.

CRONOLOGIA: I Idade do Ferro (século VI a. C.?).

BIBLIOGRAFIA: Frankenstein 1997, Lám. 58, n° 57. [FG]

6.

IDENTIFICAÇÃO: címbalos.

PROVENIÊNCIA: Olival do Senhor dos Mártires, (União das Freguesias de Alcácer do Sal, Alcácer do Sal) (n° inv. 3603).

MATÉRIA-PRIMA: bronze.

CARACTERIZAÇÃO: instrumentos musicais de percussão compostos por pequenos discos munidos de uma depressão central hemisférica; apresentam um grampo metálico fixado através de um orifício central para sujeição. Diâmetro máx.: 6 cm; esp. máx.: 2,4 cm.

CRONOLOGIA: I Idade do Ferro (século VI a. C.?).

BIBLIOGRAFIA: inéditos. [FG]





7.

IDENTIFICAÇÃO: disco com roseta.

PROVENIÊNCIA: Olival do Senhor dos Mártires (União das Freguesias de Alcácer do Sal, Alcácer do Sal) (nº inv. 3608).

MATÉRIA-PRIMA: osso.

CARACTERIZAÇÃO: possível tampa ou aplique de mobiliário com decoração gravada figurando uma roseta de dezasseis pétalas emoldurada por um círculo; o rebordo encontra-se assinalado por quatro círculos concêntricos. Provém da Sepultura 17. Diâmetro máx.: 3,5 cm; esp. máx.: 0,4 cm.

CRONOLOGIA: I/II Idade do Ferro (2ª metade do século VI – 1ª metade do V a. C.?).

BIBLIOGRAFIA: Schüle 1969, Taf. 89, nº 6. [FG]



8.

IDENTIFICAÇÃO: faca afalcatada.

PROVENIÊNCIA: Olival do Senhor dos Mártires (União das Freguesias de Alcácer do Sal, Alcácer do Sal).

MATÉRIA-PRIMA: ferro e osso.

CARACTERIZAÇÃO: pequena faca de lâmina afalcatada, com quebra dorsal pouco assinalada e guarda de secção circular. Conserva cabo formado por duas meias canas de osso decoradas com círculos concêntricos

fixadas por rebtagem a uma lingueta central de ferro que prolonga a lâmina/guarda. Comp.: 10,5 cm; larg. máx.

(lâmina); 2,7 cm (cabo); 1,2 cm; esp. (lâmina): 0,3 cm.

CRONOLOGIA: I/II Idade do Ferro (séculos VI-V a. C.).

BIBLIOGRAFIA: Schüle 1969. [FG]

9.

IDENTIFICAÇÃO: xorca.

PROVENIÊNCIA: Olival do Senhor dos Mártires (União das Freguesias de Alcácer do Sal, Alcácer do Sal) (nº inv. 3564).



MATÉRIA-PRIMA: bronze.

CARACTERIZAÇÃO: bracelete composto por um aro oco e por doze pendentes maciços do tipo dito “sanguessuga”.

Diâmetro máx.: 10,2 cm; esp. máx. (aro): 0,7 cm.

CRONOLOGIA: I/II Idade do Ferro (século VI – início IV a. C.).

BIBLIOGRAFIA: Schüle 1969, Taf. 108, n° 11. [FG]

Vitrine 4

1.

IDENTIFICAÇÃO: fíbula anular hispânica.

PROVENIÊNCIA: Olival do Senhor dos Mártires (União das Freguesias de Alcácer do Sal, Alcácer do Sal) (s/n° inv.).

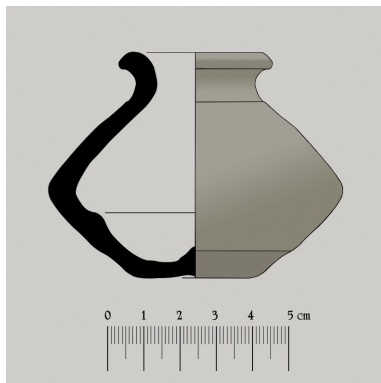
MATÉRIA-PRIMA: bronze.

CARACTERIZAÇÃO: fíbula pertencente ao Tipo Ponte 14b. Apresenta aro perimetral de secção circular, mola bilateral de dezassete voltas e ponte de secção subcircular; o descanso, de secção subrectangular, constitui um prolongamento da ponte. O fuzilhão é de secção circular. Diâmetro máx.: 7,4 cm; esp. máx.: 2,9 cm.



CRONOLOGIA: II Idade do Ferro (séculos V-IV a. C.).

BIBLIOGRAFIA: Correia 1930: n° 1?; Schüle 1969, Taf. 109, n° 9?; Ponte 1985, n° 17; 2006, 435. [FG]



2.

IDENTIFICAÇÃO: pequeno pote.

PROVENIÊNCIA: Olival do Senhor dos Mártires
(União das Freguesias de Alcácer do Sal, Alcácer do Sal).

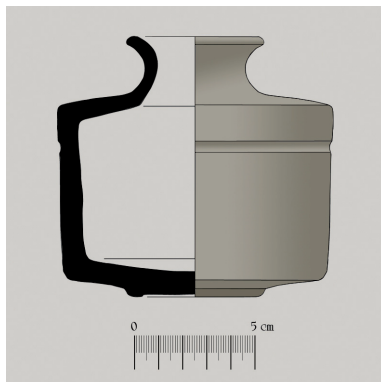
MATÉRIA-PRIMA: cerâmica.

CARACTERIZAÇÃO: pequeno recipiente produzido a torno de morfologia bi-troncocónica, colo curto terminado em bordo simples extroverso e fundo plano, não destacado. Apresenta pintura a vermelho violáceo na porção inferior do bojo. Tratar-se-á provavelmente de um

contentor para óleos ou unguentos. Alt. máx.: 6,2cm; Diâmetro (bordo): 4,6 cm; Diâmetro máx.: 8,8 cm.

CRONOLOGIA: II Idade do Ferro (séculos V-IV a. C.).

BIBLIOGRAFIA: Paixão 1970; Frankenstein 1997, Lám. 61, n° 61. [FG]



3.

IDENTIFICAÇÃO: pote.

PROVENIÊNCIA: Olival do Senhor dos Mártires
(União das Freguesias de Alcácer do Sal, Alcácer do Sal)
(s/n° inv.).

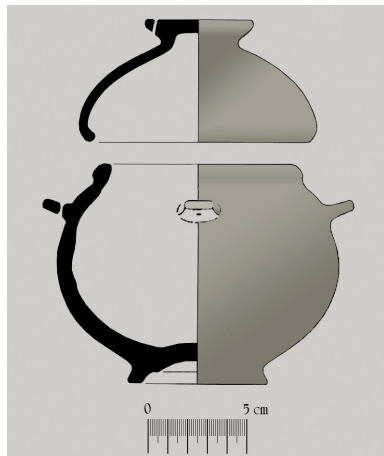
MATÉRIA-PRIMA: cerâmica.

CARACTERIZAÇÃO: recipiente produzido a torno de morfologia cilíndrica. O colo, curto e rematado por um bordo simples, encontra-se separado do bojo por um ressalto em ângulo recto configurando um ombro

marcado; o fundo é ligeiramente convexo e dotado de um pé de anel apenas indicado. Apresenta um sulco na porção superior do bojo. Provém da Sepultura 23. Alt. máx.: 10,9 cm. Diâmetro bordo: 5,4 cm; Diâmetro máx.: 10,7 cm.

CRONOLOGIA: II Idade do Ferro? (séculos V-IV a. C.).

BIBLIOGRAFIA: Schüle 1969, Taf. 91, n° 4; Paixão 1970; Frankenstein 1997, Lám. 60, n° A5. [FG]



4.

IDENTIFICAÇÃO: urna com apêndices perfurados e tampa respectiva.

PROVENIÊNCIA: Olival do Senhor dos Mártires (União das Freguesias de Alcácer do Sal, Alcácer do Sal) (s/nº inv.).

MATÉRIA-PRIMA: cerâmica.

CARACTERIZAÇÃO: recipiente de morfologia globular achatada, bordo destacado em bisel e fundo côncavo emoldurado por um pé em anel escalonado interiormente. Apresenta na porção superior do bojo quatro apêndices perfurados verticalmente. Alt. máx.: 11,6 cm. Diâmetro bordo: 11,1 cm; Diâmetro máx.: 15,6 cm. A tampa apresenta uma morfologia semelhante à de uma taça de

bordo reentrante com uma depressão central e fundo em disco alargado; este possui quatro perfurações que, alinhadas com as dos apêndices da urna, permitiram reforçar o seu fecho hermético através da passagem de cordas ou arames. Provém da Sepultura 18.

CRONOLOGIA: II Idade do Ferro (séculos V-IV a. C.?).

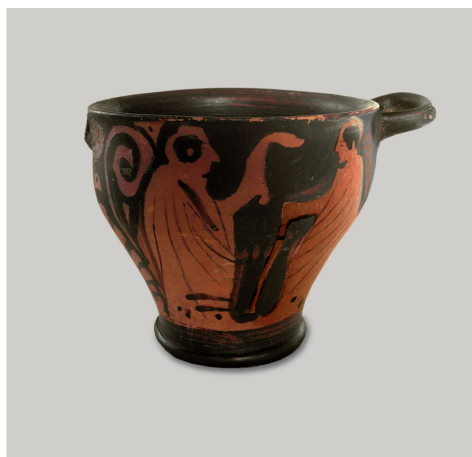
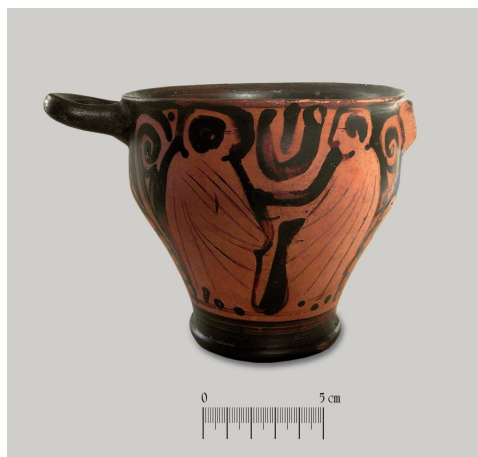
BIBLIOGRAFIA: Schüle 1969, Taf. 90, nº 6; Paixão 1970; Frankenstein 1997, Lám. 61, nº A6. [FG]

5.

IDENTIFICAÇÃO: *Skypbos* ático de figuras vermelhas.

PROVENIÊNCIA: Olival do Senhor dos Mártires (União das Freguesias de Alcácer do Sal, Alcácer do Sal) (nº inv. 27210).

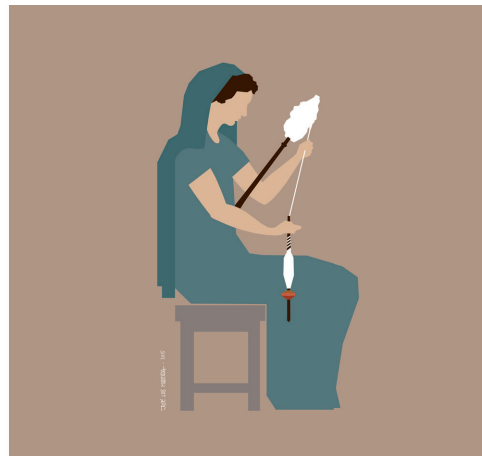
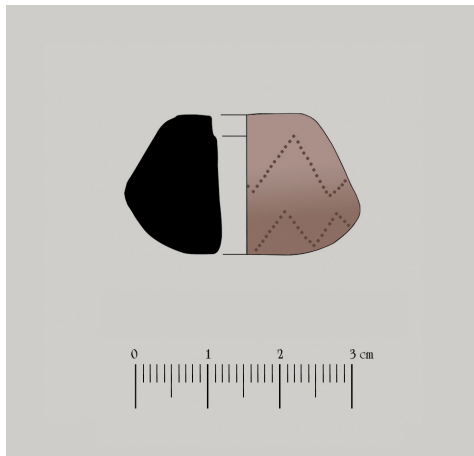
MATÉRIA-PRIMA: cerâmica.



CARACTERIZAÇÃO: pequeno vaso para beber de produção ática enquadrável no estilo de figuras vermelhas. Trata-se mais concretamente de um produto do chamado “Grupo do Fat Boy”. A face A deste vaso figura dois jovens frente a frente, segurando o da esquerda um estrigilo ao passo que o da direita se apoia a um bastão; a face B representa, novamente, dois jovens afrontados, apoiando-se o da direita igualmente num bastão. O lábio pendente apresenta uma típica decoração de óvulos. Provém da Sepultura 8, onde se associava a um *krater* de figuras vermelhas utilizado como urna cinerária. Alt.: 11,2 cm; Diâmetro bordo: de 10,2 cm; Diâmetro fundo: 6,6 cm.

CRONOLOGIA: II Idade do Ferro (c. 375-350 a. C.).

BIBLIOGRAFIA: Correia 1928; Pereira 1962; Schüle 1969; Rouillard *et al.* 1988-89; Arruda 1997; AA.VV. 2006.



6.

IDENTIFICAÇÃO: cossoiro.

PROVENIÊNCIA: Olival do Senhor dos Mártires (União das Freguesias de Alcácer do Sal, Alcácer do Sal) (nº inv. 191/08).

MATÉRIA-PRIMA: cerâmica.

CARACTERIZAÇÃO: elemento de fiação de morfologia compósita (porção inferior cónica de paredes rectas e porção superior cónica de paredes convexas) correspondente ao tipo P1K3 de Berrocal Rangel (1994). Apresenta decoração a pontilhado formando duas linhas em ziguezague. Provém da Sepultura 18. Alt. máx.: 1,9 cm; Diâmetro máx.: 3,2 cm.

CRONOLOGIA: II Idade do Ferro (Séculos V-IV a. C.?).

BIBLIOGRAFIA: Schüle 1969, Taf. 90, nº 9; Berrocal Rangel 1994. [FG]



7.

IDENTIFICAÇÃO: fecho de cinturão “ibérico”.

PROVENIÊNCIA: Olival do Senhor dos Mártires (União das Freguesias de Alcácer do Sal, Alcácer do Sal).

MATÉRIA-PRIMA: bronze/prata.

CARACTERIZAÇÃO: peça macho de fecho de cinturão de tipo dito “Ibérico” composta por placa de bronze rectangular dotada de dois orifícios circulares na porção proximal destinados à fixação ao cinturão, bem como de duas

aberturas rectangulares. Na porção distal dispõe de um espigão triangular fixado por rebite que encaixaria na peça fêmea. Apresenta decoração damasquinada de prata representando motivos vegetalistas e geométricos. Provém da Sepultura 9, onde acompanhava um conjunto de vasos gregos. Comp.: 8,2 cm; larg.: 6,6 cm.

CRONOLOGIA: II Idade do Ferro (1ª metade do século IV a. C.).

BIBLIOGRAFIA: Correia 1925b; Almeida & Ferreira 1962; Schüle 1969, Taf. 88, nº 4. [FG]



8.

IDENTIFICAÇÃO: terracota feminina – *kourotrophos* (s/nº inv).

PROVENIÊNCIA: Olival do Senhor dos Mártires (União das Freguesias de Alcácer do Sal, Alcácer do Sal).

MATÉRIA-PRIMA: cerâmica.

CARACTERIZAÇÃO: figuração de estilo helenístico de personagem feminina segurando, ou amamentando, uma figura infantil. Preserva-se o rosto e colo da primeira, bem como o véu que

lhe cobre o cabelo e parte da vestimenta, e a mão da segunda, sujeitando-lhe o decote. Comp. máx.: 6,5 cm; larg. máx.: 4,15 cm; esp. máx.: 3,25 cm.

CRONOLOGIA: Período Romano Republicano (séc. II a. C.).

BIBLIOGRAFIA: Correia 1928; Gomes 2014. [FG]

Bibliografia

- AA. VV. (2006) - *Vasos Gregos em Portugal. Aquém das Colunas de Hércules*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.
- ALARCÃO, Adília (1994) - *Museu Monográfico de Conimbriga - Coleções*, IPM/MMC, Lisboa.
- ALMAGRO GORBEA, Martín & TORRES ORTIZ, Mariano (2009) - Los escarabeos fenicios de Portugal. Un estado de la cuestión. *Estudios Arqueológicos de Oeiras*, 17, 521-554.
- ALMEIDA, Fernando d' & FERREIRA, Octávio da Veiga (1962) - Fechos e placas de cinturão, hallstáticos, encontrados em Portugal. *O Arqueólogo Português*, S. 3, 1, 81-95.
- ANDRÉ, Carlos Ascenso (2011) - Cem anos de lideranças: António de Vasconcelos e os seus sucessores à frente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. *Revista Portuguesa de História*, XLII, 219-231.
- ARRUDA, Ana Margarida (1997) - *As cerâmicas áticas do Castelo de Castro Marim*, Lisboa, Colibri.
- BAHN, Paul G. (1998) - *The Cambridge illustrated history of prehistoric art*, Cambridge University Press.
- BANDEIRA, José Ramos (1947) - *Universidade de Coimbra. Edifícios do Núcleo Central e Casa dos Meios*, tomo II, Coimbra. Sobre Sá Pinto, 253-270. [Separata do vol. XXII do *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*].
- BERROCAL RANGEL, Luis (1994) - *El Altar prerromano de Capote. Ensayo etno-arqueológico de un ritual céltico en el Suroeste Peninsular*, Madrid, Universidad Autónoma de Madrid.
- BOITAINI, Carlo (2012) - *Depósitos metálicos no bronze final (sécs. XIII-VIII a.C.) do Centro e Norte de Portugal. Aspectos sociais e arqueometalúrgicos*, Coimbra [Tese de Doutoramento em História especialidade Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.]
- BRITO, M^a Antónia (1968) - *Contributo para a classificação de alguns achados de Alcácer do Sal*, Coimbra [Tese de Licenciatura em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Edição fotocopiada].
- CERDEÑO SERRANO, M.^a Luisa (1981) - Los broches de cinturón tartésicos. *Huelva Arqueológica*, 5, 31-56.
- COFFYN, André (1985) - *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*, Paris, Diffusion de Bocard.
- CORREIA, Vergílio (1925a) - Um amuleto egípcio da Necrópole de Alcácer do Sal. *Terra Portuguesa*, 5 (41), 90-93.
- CORREIA, Vergílio (1925b) - Fechos de cinturão da Necrópole de Alcácer do Sal. *Biblos*, 1 (6), 319-326.
- CORREIA, Vergílio (1928) - Escavações realizadas na Necrópole Pré-Romana de Alcácer do Sal em 1926 e 1927. *O Instituto*, 75, 190-201.

- CORREIA, Vergílio (1930) - As fíbulas da Necrópole de Alcácer do Sal. *Biblos*, 6 (7-8), 504-509.
- CORREIA, Virgílio H.; PARREIRA, Rui; SILVA, Armando C. (2013) - *Ourivesaria Arcaica em Portugal*, Lisboa, CTT Correios de Portugal.
- CUADRADO, Emerito & ASCENSÃO, M. A. (1970) - Broches de cinturón tartésicos de doble gancho. *XI Congreso Nacional de Arqueología*, Zaragoza, Secretaría General de los Congresos Arqueológicos Nacionales, 494-514.
- DELPORTE, Henri (1995) - *La Imagen de los Animales en el Arte Prehistorico*, Madrid, Dove.
- ENCARNAÇÃO, José d' (2013) - O mágico simbolismo de uma árula conimbricense. *Boletim de Estudos Clássicos*, 58, 147-151. <http://hdl.handle.net/10316/25163>
- ENCARNAÇÃO, José d' (1982) - O Museu Didáctico do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra: realidades e perspectivas. *Museus Universitários* (Actas do Colóquio APOM 78), Lisboa, 53-57. <http://hdl.handle.net/10316/28960>
- FÁBREGAS VALCARCE, Ramón (1991) - *Megalitismo del Noroeste de la Península Ibérica. Tipología y Secuencia de los Materiales Líticos*, Madrid, UNED.
- FEGHALI GORTON, Andree (1996) - *Egyptian and Egyptianizing Scarabs. A typology of steatite, faience and paste scarabs from Punic and other Mediterranean sites*, Oxford, Oxford University Press.
- FRANKENSTEIN, Susan (1997) - *Arqueología del colonialismo. El impacto fenicio y griego en el sur de la Península Ibérica y el suroeste de Alemania*, Barcelona, Editorial Crítica.
- GAMER-WALLERT, I. (1978) - *Ägyptische und ägyptisierende Funde von der Iberischen Halbinsel*. Wiesbaden, Reichert.
- GARCÍA MARTÍNEZ, M^a A. (2001) - *Documentos prerromanos de tipo egipcio de la vertiente atlántica hispano-mauritana*, Montpellier, Université de Montpellier.
- GIARDINO, Claudio (1995) - *Il Mediterraneo occidentale fra il XVI e l'VIII sec. a. C. Cerchie minerarie e metallurgiche - West Mediterranean between 14th and 8th century B.C. Mining and metallurgical spheres*, Oxford, BAR International Series 612.
- GOMES, Francisco B. (2014) - Uma terracota de estilo helenístico da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires: breves notas. *Conimbriga*, LIII, 81-97. http://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_53_3
- HARDAKER, Ron (1976) - Las hachas de cubo en la Península Ibérica. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonense*, 3, 151-171.
- LEROI-GOURHAN, André (1995²) - *Préhistoire de l'Art Occidental. Nouvelle édition revue et augmentée, par Brigitte et Gilles Delluc*, Paris, Citadelles & Mazenod.
- MONTEAGUDO, Luis (1977) - *Die Beile auf der Iberischen Halbinsel*, Munchen, Prähistorische Bronzefunde IX, Vol. Band 6.
- PAILLET, Patrick (2011) - Le mammoth de La Madeleine (Tursac, Dordogne) dans son siècle et aujourd'hui. *PALEO*, 22, décembre, 223-270.
- PAIXÃO, António C. (1970) - *A necrópole do Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal. Novos elementos para o seu estudo*. [Tese de Licenciatura em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de

Lisboa. Edição policopiada].

PARREIRA, Rui (1980) - *Tesouros da Arqueologia Portuguesa* no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Lisboa.

PEREIRA, M^a Amélia H. (1971) - O esconderijo do bronze final de Coles de Samuel (Soure). *Arqueologia e História*, 9^a série, III, 165-174.

PEREIRA, M^a Helena Rocha (1962) - *Greek vases in Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.

PONTE, Salette da (1985) - Algumas fíbulas de Alcácer do Sal. *O Arqueólogo Português*, S. 4, 3, 137-154.

PONTE, Salette da (2006) - *Corpus signorum das fíbulas proto-históricas e romanas de Portugal*. Coimbra, Caleidoscópio.

ROUILLARD, P., PAIXÃO, A. C., VILLANUEVA-PUIG, M. C. & DURAND, J.-L. (1988-1989) – Les vases grecs d’Alcácer do Sal (Portugal). *O Arqueólogo Português*, S. 4, 6/7, 43-108.

SCHÜLE, Wilhelm (1969) - *Die Meseta-kulturen der Iberischen Halbinsel*. Berlim, Walter de Gruyter & Co.

VILAÇA, Raquel (coord.) (2005) - *O Instituto de Arqueologia, Fragmentos da sua História*, Coimbra, Instituto de Arqueologia.

VILAÇA, Raquel (2006) - Depósitos de Bronze do Território Português. Um debate em aberto. *O Arqueólogo Português*, S. 4, 24, 9-150.

VILAÇA, Raquel & CUNHA-RIBEIRO, João Pedro (2008) - Das primeiras ocupações humanas à chegada dos Romanos à Beira Litoral. In Vilaça, R. e Cunha-Ribeiro, J. P. (coord.), *Das primeiras ocupações humanas à chegada dos Romanos à Beira Litoral* [Territórios da Pré-história em Portugal, vol. 4], Tomar, Arkeos, 23, (edição bilingue port./inglês), 11-105.

VILAÇA, Raquel; ARMBRUSTER, Barbara; PEREA, Alicia; VIVAS, Fábio; FREITAS, Bruno (2014) – Um contexto e um lugar para os discos de ouro da I Idade do Ferro de Fortios (Portalegre, Alto Alentejo, Portugal). *Conimbriga*, LIII, 31-80. http://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_53_2



FLUC FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA



MINISTRO DA CULTURA

